

Epistemômetro. Uma Metodologia para a Descolonização e Transformação do Currículo das Universidades Brasileiras

José Jorge de Carvalho¹

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v13i25.57921>

Resumo: O artigo apresenta um instrumento metodológico novo, denominado Epistemômetro, que visa avaliar o grau de (des)colonização epistêmica vigente nos currículos e nos projetos de curso das universidades brasileiras. O Epistemômetro se conecta com a teoria do Encontro de Saberes, movimento que visa a inclusão dos saberes indígenas, afro-brasileiros e dos demais povos tradicionais como caminho para a construção de uma universidade brasileira pluriepistêmica. O modelo da pluralidade epistêmica é plasmado na imagem dos três círculos borromeanos, com seus nós de interseção, representando os três troncos principais formadores da diversidade epistêmica brasileira: o ocidental, o indígena e o afro-diaspórico. É apresentado também o modelo das sete variáveis e dimensões interdependentes que compõem a abordagem do Epistemômetro.

Palavras-chaves: Epistemômetro; eurocentrismo; Encontro de Saberes; descolonização; universidade pluriepistêmica.

Epistemómetro. Una Metodología para la Descolonización y Transformación del Currículo de las Universidades Brasileñas.

Resumen: El artículo presenta un nuevo instrumento metodológico denominado Epistemómetro, concebido para evaluar el grado de (des)colonización epistémica presente en los currículos y los proyectos de cursos de las universidades brasileñas. El Epistemómetro es derivado de la teoría del Encuentro de Saberes, movimiento dedicado a la inclusión de los saberes indígenas, afrobrasileños y los demás pueblos tradicionales como camino para la construcción de una universidad brasileña pluriepistémica. El modelo de la pluralidad epistémica es presentado con el imagen de los tres círculos borromeanos, los cuales pasan a representar los tres troncos principales formadores de la diversidad epistémica brasileña: el tronco occidental, el tronco indígena y

¹ José Jorge de Carvalho. Doutor em Antropologia Social por The Queen's University of Belfast com pós-doutorados pela Rice University e pela University of Florida. Professor Titular no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, Pesquisador 1-A do CNPq e Coordenador do INCT - Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia e Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, do Ministério de Ciência e Tecnologia e do CNPq. E-mail: jorgedc@terra.com.br - <https://orcid.org/0000-0003-3415-3534>

Recebido em 31/03/2023, aceito para publicação em 27/06/2023 e disponibilizado online em 01/09/2023.

el tronco afro-diaspórico. Es presentado también el modelo de las siete variables y dimensiones interdependientes que componen el método del Epistemómetro.

Palabras clave: Epistemómetro; eurocentrismo; Encuentro de Saberes; descolonización; universidad pluriépistémica.

Epistemometer. A Methodology for the Decolonization and Transformation of the Curriculum of Brazilian Universities

Abstract: The article presents a new methodological tool, called Epistemometer, designed to evaluate the degree of epistemic (de)colonization present in the curriculum and in the courses offered by Brazilian universities. The Epistemometer is derived from the theory of the Meeting of Knowledges, a project dedicated to the inclusion of the knowledges of Indigenous, Afro-Brazilian and other traditional peoples as a way of building a new pluriépistemic Brazilian university. The model of epistemic plurality is presented by the image of the three Borromean circles, used to represent the three main trunks that shaped Brazilian epistemic diversity: the Western, the Indigenous, and the Afro-diasporic. It is also presented the model of the seven variables and dimensions which forms part of the method of the Epistemometer.

Keywords: Epistemometer; Eurocentrism; Meeting of Knowledges; decolonization; pluriépistemic university

Epistemômetro. Uma Metodologia para a Descolonização e Transformação do Currículo das Universidades Brasileiras

Descolonizando a Academia Eurocêntrica

A ideia de construir um Epistemômetro foi retirada da observação das disciplinas ofertadas pelo Encontro de Saberes, movimento dedicado à inclusão de mestres e mestradas dos saberes tradicionais (indígenas, afro-brasileiros, quilombolas, das culturas populares e dos demais povos tradicionais) como docentes nas universidades². Desde a

sua primeira edição, que teve lugar na Universidade de Brasília em 2010, foi possível constatar que os mestres e mestradas traziam para suas aulas temas de conhecimento inteiramente novos, os quais eram apresentados e discutidos a partir de ângulos epistêmicos distintos da episteme ocidental moderna. Com o Encontro de Saberes, o momento presente é certamente de transformação

²Apresentei uma primeira versão do Epistemômetro em uma conferência na Universidade Federal Fluminense em 2016. A presente versão se conecta com uma proposta

que formulei recentemente para WanguiWa Goro, do *King's College*, Londres, de um esforço conjunto para a descolonização das universidades de Nairobi, Londres e Brasília (CARVALHO, 2023a).

descolonizadora: estamos partindo de um modelo acadêmico monocultural, monolíngue e monoepistêmico e nos propomos construir agora um novo modelo multicultural, poliglota e pluriepistêmico capaz de refletir a diversidade de tradições de conhecimento, em todas as áreas, que estão vivas e florescentes em nosso país.

Na medida em que a inclusão dos mestres na academia como docentes se enraíza, o passo seguinte será defender o seu lugar no mundo da pesquisa, propondo sua entrada no CNPq como bolsistas de produtividade em pesquisa, através de uma política que chamamos de cotas epistêmicas. Um dos desafios presentes, quando efetuamos a tríade inclusivadocência-pesquisa-extensão (que também constitui agora o Encontro de Saberes), é discutir como os saberes trazidos pelos mestres, até recentemente ausentes da academia, encaixarão no quadro de posturas epistemológicas estabelecidas. Por exemplo, nos termos de Paul Boghossian, ou as epistemes indígenas e afro-brasileiras serão absorvidas pelo universalismo epistêmico, ou elas contribuirão para

acentuar um quadro de relativismo epistêmico. Por outro lado, Paul Feyerabend abre-nos outras portas de acolhimento ao defender o anarquismo epistemológico: se o quadro já era anárquico nos confins do saber eurocêntrico, os saberes indígenas e afro-brasileiros farão ampliar ainda mais a anarquia geral de validação do conhecimento acadêmico instituído.

Para além do relativismo e do anarquismo, minha resposta provisória é defender inicialmente um ambiente de pluralismo epistêmico, que nos permitirá iniciar uma agenda de diálogos dos saberes indígenas e afro-diaspóricos com todas as posições epistemológicas eurocêntricas estabelecidas, incluindo, por exemplo, discutir os limites dos critérios de falseabilidade e demarcação de Karl Popper, ou a rigidez na aplicação do programa de pesquisa de Imre Lakatos, entre outras posições vigentes no campo.³De fato, a descolonização da episteme

³ Para os dilemas entre universalismo e relativismo epistemológico de Paul Boghossian, ver (2012); sobre a lógica do método científico segundo Karl Popper, ver (2013); sobre a metodologia do programa de pesquisa de Lakatos, ver (1989); sobre o anarquismo epistemológico de Feyerabend, ver (2011).

hegemônica acadêmica é a outra face da construção de uma nova instituição acadêmica pluriépistêmica. Por outro lado, a crescente campanha pela outorga do Notório Saber para os mestres e mestradas é um passo importante na direção da certificação ou reconhecimento dos seus saberes. Contudo, a discussão com o campo da epistemologia tornou-se inadiável devido ao amplíssimo universo de saberes trazidos pelos mestres, o que exige protocolos para atender às áreas das ciências, das artes e das humanidades. E todas essas áreas enfrentam as questões de validação do conhecimento ensinado nos currículos. Assim, essa realidade epistêmica que se torna extremamente plural com o Encontro de Saberes exigiu a construção de dimensões de inovação epistêmica com suas respectivas variáveis que constituem o núcleo da metodologia do Epistemômetro, sobre as quais oferecerei uma primeira versão no final deste artigo.

Uma linha alternativa às discussões epistemológicas estabelecidas (a maioria delas centradas nos casos exemplares da moderna revolução científica), e que

mostra afinidades com nosso projeto, é a proposta do desenvolvimento de um campo novo de "epistemologia comparada de formas divergentes de conhecimento", proposta, entre outros, por Hub Zwart (2004 e 2008). Seu escopo é apenas eurocêntrico, porém é inspirador na medida em que embaralha a ainda estabelecida divisão entre as "duas culturas" de C. P. Snow e com isso mostra como é plural o campo do que se chama de cientificidade, questionando também o que seu oposto aparente, isto é, o campo das Humanidades. No caso do Encontro de Saberes, como veremos da leitura atenta da lista de disciplinas, nem sequer a divisão entre as duas culturas, que já é problemática por si mesma, faz sentido, dada a polimatia constitutiva do saber dos mestres.

Em vários países africanos está em curso um grande debate sobre como descolonizar os currículos e as epistemologias eurocentradas a eles impostos, do mesmo modo com que foram impostos, por processos históricos distintos, em toda a América Latina. Em um trabalho recente, Tosin Adeata e Anusharani Sewchurran, ambos da África do Sul, oferecem um "quadro de referências

epistemológicas, para a descolonização do currículo na África (2023.1), sendo sua meta a construção de um "currículo afrocentrado" (id:2). Em Moçambique, José Castiano e Severino Ngoenha têm formulado uma tentativa de descolonizar a filosofia como uma disciplina acadêmica; e Castiano coloca a questão de uma epistemologia própria, ainda debatida apenas em termos conceituais, sem intervenção concreta, tal como na sua obra *Os Saberes Locais na Academia. Condições e Possibilidades de sua Legitimação* (2013).

Com base na África do Sul, Sabelo Ndlovu-Gatsheni tem produzido obras sobre a descolonização acadêmica africana, e em um de seus trabalhos mais recentes enumera um programa de descolonização epistêmica geral em seis dimensões, a ser aplicado para o conjunto das universidades africanas (2018). A inspiração maior das formulações de Ndlovu-Gatsheni é a obra de Ngũgĩwa Thiong'o, a quem considero o precursor geral e mais antigo da luta pela descolonização do currículo eurocentrado das universidades de todo o Sul global. Destaco seu manifesto intitulado *Sobre*

a Abolição do Departamento de Inglês, apresentado em 1968 à Universidade de Nairobi, em que ele propôs, em lugar do Departamento de Inglês, existente em praticamente todas as universidades africanas, um Departamento de Línguas e Literaturas Africanas (Wa Thiong'o 1972). Mais ainda, seu livro *A Descolonização da Mente* (1981) sintetiza magistralmente os dilemas da colonização acadêmica no continente africano.

Também a formulação de epistemologias especificamente africanas tem crescido nos últimos anos, e um bom exemplo é o panorama geral produzido por Didier N. Kaphagawani e Jeanette G. Malherbe (1998) e as obras do filósofo nigeriano Jonathan Chimakonam e seus colegas da chamada Escola do Calabar. Chimakonam tem desenvolvido uma lógica nova, derivada do pensamento tradicional Igbo, chamada *ezumezu*, ou trivalente, marcada por um terceiro incluído complementar (distinto do modelo de terceiro incluído presente na lógica da transdisciplinaridade de Basarab Nicolescu), pensada a partir do contexto africano, porém que pode contribuir para a fundamentação de

um campo de pluralismo epistêmico ao qual nos dirigimos com o Encontro de Saberes.⁴

Além dos africanos, outra fonte de inspiração para a superação da monoepisteme eurocêntrica é o campo de estudos do pensamento oriental (chinês, japonês, indiano, tailandês e outros) que também exercitam esse espaço novo de comparação entre as suas epistemologias próprias e a episteme ocidental. Destaco, dentro do grande universo de diálogos interepistêmicos China-Occidente, as obras recentes de Jana Rosker (2021) e Mingjun Lu (2020), ambas discutindo métodos comparativos e leituras epistemológicas cruzadas; e também a leitura crítica da epistemologia kantiana, a partir de uma perspectiva que ele chamou de confucionista-marxista, de Zehou Li (2018), um dos mais criativos filósofos e epistemólogos chineses do século XX.

Colocando nosso esforço de descolonização epistêmica nos termos intercontinentais, observo uma diferença significativa das posições assumidas pelas universidades asiáticas para as posições das

universidades da África e da América Latina. Ambas podem ser entendidas como dualistas (enquanto defendo que a posição brasileira deve ser pluralista), porém as africanas e latino-americanas expressam o dualismo em termos de uma polarização, ou de rejeição da episteme eurocêntrica de um lado e de afirmação das epistemes africanas, originárias e afro-diaspóricas de outro; enquanto as asiáticas optam por um princípio de complementaridade.⁵

Uma explicação possível para essa diferença é que as universidades da China e do Japão se constituíram em meio à sua ocidentalização no final do século XIX e operaram com um modelo de convivência, e não de repúdio, em relação à sua base epistêmica que foi forçada a transformar-se. Um exemplo particularmente inspirador é o da modernização da Universidade de Beijing em 1898, cujo currículo foi reformado segundo o lema desenvolvido por Zhang Zhidong:

⁵Nesta proposta de superar os dualismos do tipo nós versus europeus, já ofereci o que chamei de um triálogo entre a episteme da Escola de Kyoto (especialmente Nishida Kitaro), a episteme ocidental e a episteme plasmada nas artes indígenas brasileiras (CARVALHO, 2019b).

⁴ Ver Chimakonam (2019 e 2020) e Chimakonam e Ogbonnaya (2021).

zhongxuewei ti, *xixueweiyong*, que podemos traduzir aproximadamente como: “conhecimento chinês (*zhongxue*) por sua essência, conhecimento ocidental (*xixue*) por sua utilidade” (WESTON, 2004). Vale notar que Zhong lançou mão de um par de conceitos da ontologia chinesa clássica, em uso há mais de dois mil anos: *ti-yong*, em que *ti* é normalmente traduzido por essência e *yong* por função. Assim, operou-se com uma acomodação e uma absorção do elemento forâneo: a episteme ocidental traz uma utilidade dentro de um plano de sinificação (tornar-se chinesa) da episteme moderna, porém mantendo um lugar secundário ou instrumental diante da episteme fundante chinesa que continuou no seu lugar central.⁶

O lema de Zhang Zhidong pode ser uma referência para nós, porque os pensadores tidos como progressistas da época advogavam por uma modernização total das instituições chinesas (e foi este o modelo inicial brasileiro, qual seja,

ocidentalização absoluta do currículo); e Zhang foi visto como um conservador ao defender a convivência biepistêmica, porém com a precedência do saber chinês (o *ti*), que continuou no seu lugar central face o saber novo vindo da Europa (o *yong*). Em uma breve comparação, o Manifesto de Ngugi pela eliminação do Departamento de Inglês é frontalmente descolonizador. Já a solução de Zhang não foi exatamente descolonizadora, na linha do confronto defendido pelos africanos e hispano-americanos, mas uma sorte de passo atrás repactuador diante do perigo de uma modernização totalizante, impedindo assim a colonização epistêmica eurocêntrica da China.

Dos estudos japoneses, uma obra que representa uma afirmação da absorção intercultural da episteme ocidental sem perder sua raiz tradicional é *A Estrutura do Iki*, de Kuki Shuzo (1997), filósofo que pertenceu de um modo marginal à Escola de Kyoto. Termo altamente polissêmico, *Iki* é uma dessas “palavras civilizacionais”, tão difíceis de traduzir e assimilar em sua integralidade como o termo *axé* do iorubá falado no candomblé brasileiro, o *agujyé* do

⁶Para uma análise histórica da proposta de Zhang Zhidong no contexto da reforma de 1898 e do seu ensaio famoso (e ainda polêmico) “Exortação ao Conhecimento”, ver Hon (2002).

Guarani Mbyá e Kaiová, ou *Dao* do pensamento chinês clássico. O ensaio de Shuzo, calcado inteiramente na episteme japonesa, foi por ele acionado já numa era de ocidentalização do Japão, construindo uma resposta silenciosa às categorias ocidentais que conformam o pano de fundo, sem citações diretas, de sua afirmação integradora (porém indiretamente descolonizadora) das epistemes ocidental e oriental. Ou seja, por um movimento implícito, distinto do da Universidade de Beijing, e na mesma época, a Escola de Kyoto também realizou uma síntese intercultural a partir da qual a episteme ocidental não conseguiu colonizar a episteme japonesa.

Uma proposta descolonizadora contemporânea muito bem articulada do continente asiático é a da Universidade da Tailândia, que transformou integralmente seu currículo para que ele possa refletir o quadro de saberes de uma universidade epistemicamente moderna, no sentido ocidental do termo, e ao mesmo tempo epistemicamente budista, posto que enraizada nas tradições do budismo tailandês (RHEA, 2017). Podemos nos

inspirar também na longa e rica tradição de posições epistemológicas da Índia, desde as sofisticadas elaborações das escolas Nyaya e Vaisheshika até às epistemologias budistas (TUSKE, 2019), todas elas ativadas em diálogos horizontais com a episteme ocidental. Próxima também da nossa abordagem é a proposta da intelectual Maori Linda Tuhiwai Smith (2019), de descolonizar os procedimentos eurocêntricos de pesquisa e as metodologias, substituindo-os por abordagens epistêmicas Maori.

Assumindo que o Epistemômetro não é apenas uma teoria da descolonização, mas uma práxis descolonizadora, esta somente se efetiva de fato em um conjunto articulado de ações, com destaque entre elas para uma reforma curricular completa e integrada. E essa reforma curricular exige a construção de um ambiente plurepistêmico. Por outro lado, trazer as epistemes não-ocidentais para a universidade requer um deslocamento, um rearranjo e uma redução do espaço quase absoluto que foi conferido à episteme ocidental. O primeiro passo para formular um currículo pluriepistêmico é realizar um

diagnóstico epistemológico do currículo vigente. Se os autores, as teorias e os temas eurocêtricos reinam quase sozinhos, é preciso observar como negam, silenciam ou representam os saberes não-ocidentais excluídos. Esse olhar analítico que põe atenção tanto no que está presente como no que está ausente é característico do Epistemômetro. Esta ferramenta olha para o que está recomendado e tornado obrigatório como referência de saber acadêmico; e olha também para o que deveria formar parte, e ainda não o faz, para a construção de um novo campo plural de saber universitário em todas as áreas e capaz de fazer justiça à diversidade epistêmica da sociedade brasileira. Dito de outro modo, é somente quando vislumbramos pela primeira vez a imagem de um ambiente acadêmico pluriépistêmico que se torna possível avaliar, criticar ou medir (mesmo que se trate de uma mensuração muito mais qualitativa que quantitativa) o grau de colonização epistêmica a que ainda estamos submetidos. No caso das universidades brasileiras, o Encontro de Saberes permitiu-nos esse vislumbre nítido e a mobilização

consequente para formular uma transformação descolonizadora do currículo.

A primeira aplicação do Epistemômetro realizada pelo INCTI de Inclusão foi uma análise da aplicação da Lei 11.645 (e da sua antecessora, a Lei 10.639), desenvolvida para o Ministério da Educação. Tratou-se de observar a introdução das culturas indígena e afro-brasileira em um ambiente escolar antes inteiramente eurocêntrico do ponto de vista cultural; e a introdução de discursos e narrativas próprias dos indígenas e dos afro-brasileiros que produzem as suas próprias representações de si mesmos. Produzimos as leituras de Letícia Vianna (2016), Raoni Jardim (2018) e Alexandra Dumas (2023). Realizei ainda um exercício coletivo de aplicação do Epistemômetro propondo-o como tarefa para os estudantes do curso "Diálogos de Civilizações e Encontro de Saberes" da Pós-Graduação de Antropologia da UnB em 2018, quando levantamos análises dos cursos de Ciências Sociais e Antropologia de várias universidades, entre elas a UFT, UNILAB, UFRB, UFOPA, a Pós-

Graduação de Estudos Latino-Americanos da UnB e o Núcleo Intercultural Insikiran da UFRR.

O que procuro detectar, desde então, é a intensidade com que a cultura ocidental é difundida nas universidades, como modelo de identificação, não somente intelectual e política, mas também estética, simbólica e afetiva. Essa identificação forçada, ou pelo menos programada e em grande parte irrefletida, é resultado da unilateralidade e da exclusividade com que as disciplinas acadêmicas representam e objetificam as nações indígenas, quilombolas, as comunidades negras, as culturas populares e os demais povos tradicionais. Neste contexto, a primeira pergunta que devemos fazer para avaliar a diversidade epistêmica e cultural das instituições de ensino é: quantos e quais saberes não-ocidentais e tradicionais são ensinados? E se são ensinados, com que grau de detalhe, profundidade e compromisso com as comunidades detentoras desses saberes? A presença, maior ou menor, ou a ausência dos saberes tradicionais não-eurocêtricos condiciona todas as perguntas seguintes. Se eles não são

ensinados significa que não existe ainda um movimento alternativo em direção a outros tipos de pensamento e outras epistemes. Se eles são ensinados, há que investigar a tensão epistêmica e política gerada com sua presença.

Uma vez identificada a riqueza e a diversidade das nossas tradições de conhecimento, faz-se necessário observar se sua presença é justificada pela episteme dominante. O eurocentrismo pode sobreviver na operação de traduzir o saber não-ocidental condicionalmente incluído; no movimento contrário, a diversidade epistêmica consiste na convivência de saberes diferentes sem a necessidade de serem traduzidos, ou às vezes reduzidos aos termos da episteme ocidental. À presença dominante, no currículo, da episteme ocidental, devemos contrapor a crítica descolonizadora, que funcionará como um filtro acerca dos aspectos que poderão continuar e aqueles cujo potencial de racismo e desqualificação contra os povos indígenas e afro-brasileiros tornam-nos inaceitáveis para a nova convivência epistêmica equânime e plural que estamos no caminho de construir. E se chamamos

de eurocentrismo a episteme básica organizadora da nossa academia, podemos chamar de euroexclusivismo à precedência incondicional da episteme ocidental por sobre qualquer outro tipo ou origem de saber, inclusive sem nenhum filtro antirracista e anti-discriminador. Para além do eurocentrismo, nosso combate descolonizante, portanto, deve dirigir-se prioritariamente a superar o euroexclusivismo. Enquanto o eurocentrismo foi a episteme ocidental implantada na fundação das nossas universidades, o euroexclusivismo é a sua prática contínua e absolutizada.

Reiterando o argumento anterior, o Epistemômetro visa captar o momento inicial de um processo de mudança no padrão estabelecido de produção e reprodução do conhecimento acadêmico e de ensino no Brasil. Ao longo de todo o século XX, não houve praticamente nenhuma proposta concreta de revisão nessa área. O esforço foi basicamente de ampliação da oferta de vagas, cursos e de ampliação do número de universidades. Paralelamente, ocorreu um aprofundamento das relações da comunidade acadêmica brasileira, tanto nas Ciências Exatas quanto nas

Humanas, com as comunidades acadêmicas europeia e norte-americana. De fato, com a ampliação dos programas de Pós Graduação, intensificou-se ainda mais a importação de teorias e métodos desenvolvidos nos Estados Unidos e na Europa para serem aplicados no ensino e na pesquisa no Brasil. Ao observar mais de perto a aplicação das duas leis subsequentes à LDB, a saber, a Lei 10.639 e a Lei 11.645, podemos ser levados a concluir que talvez sua mais importante contribuição para a superação do eurocentrismo seja a abertura temática que elas provocaram. O campo interdisciplinar aparece quase automaticamente no seu horizonte, pois as expressões culturais e científicas não-ocidentais a serem ensinadas não se organizam segundo a lógica disciplinar humboldtiana, exigindo, portanto, a articulação de abordagens próprias de várias disciplinas para dar conta de uma área de saber específica.

A seguir apresento algumas ferramentas metodológicas descolonizadoras básicas já adotadas no Brasil em uma linha temporal:

- 1996- LDB-Educação escolar

indígena bilíngue

- 2003-Lei 10.639 – Obrigatoriedade do ensino da História da África e da Cultura Afro-Brasileira
- 2008 – Lei 11.645 – Obrigatoriedade do ensino da Cultura Indígena
- 2008 - Início do Prolind (Licenciatura Intercultural Indígena)
- UFABC-Lei 11.145.20/7/2005
- UFOPA-Lei 12.085/2009
- UNILAB Lei 12.289-2010
- UNILA Lei 12.189/12/1/2010
- UFSB Lei 12.818/2013

Estas cinco universidades foram construídas já com modelos acadêmicos interdisciplinares; e em termos dos parâmetros do Epistemômetro, elas já formularam suas grades curriculares mais pluriépistêmicas, com a presença significativa de temas e abordagens africanas, latino-americanas e dos povos tradicionais. A UFSB, em particular, já formulou essa convivência interépistêmica em um livro coletivo de grande peso intelectual, que acredito poderá servir de referência

para as outras quatro em particular, e para as demais em geral.⁷

Na seção abaixo, extraímos os marcos de referência epistêmica das ementas das disciplinas do Encontro de Saberes ministradas até agora pelos mestres e mestras em dezoito universidades⁸. A riqueza dos temas e das abordagens não-ocidentais é um parâmetro concreto e eficaz da incompletude, do silenciamento, das representações parciais e distorcidas que caracterizam o currículo eurocentrado vigente nas nossas universidades. A lista descreve a imensa diversidade de saberes (e a diversidade epistêmica) trazida para as universidades nos últimos treze anos. Lembremos aqui um ponto ao qual voltaremos ao discorrer sobre as dimensões analíticas do Epistemômetro: todas as disciplinas abaixo foram ministradas por mestres e mestras que pertencem às comunidades onde circulam os saberes ensinados. Ou seja, essa diversidade de saberes chega, pela primeira vez na história do nosso

⁷ Ver Tugny e Gonçalves (2020)

⁸Para um quadro geral da expansão do Encontro de Saberes, ver Carvalho e Vianna (2020).

ensino superior, e integralmente, através das vozes e dos corpos dos mestres e mestras que são seus representantes primeiros, sem mediação da classe acadêmica eurocêntrica branca. Apesar de extensa, julgamos imprescindível apresentar a inovação epistêmica completa para que possamos comparar nossa situação com a das universidades dos outros continentes, principalmente da América Latina, da África, da Ásia e da Oceania. É bem provável que já tenhamos feito emergir, na nossa rede de universidades, um quadro de diversidade epistêmica, incluindo as tradições de saberes de transmissão oral, dos mais amplos entre as universidades do mundo.

Ampliação Epistêmica nas Disciplinas do Encontro de Saberes - 2010-2022

1- UnB

- Arquitetura Tradicional Xinguana. Amary Yawalapiti / Maniwa Kamayurá.
- Diálogos com o Xamã. Davi Kopenawa.
- Educação Ambiental. Benki Ashaninka.
- Política e espiritualidade Tukano. Álvaro Tukano e Casimiro Tukano

- Mito e Cosmologia Indígena. Álvaro Tukano.
- Saberes sobre Cosmologias, Narrativas, Artes e Biografias. Gilberto Kubeo e Álvaro Tukano.
- Saberes e práticas: cantos e artes das Nações do Alto Xingu. Arifirá Matipu.
- Plantas Medicinais. Mestra Lucely Pio.
- Farmacopeia e Medicina Quilombola. Lucely Pio.
- Saberes Quilombolas. Mestre Antônio Bispo dos Santos.
- Política e Gestão da Terra. Antônio Bispo.
- Cultura Kalunga. Procópio dos Santos Rosa; Natalina dos Santos Rosa / Daínda; Fiota Kakunga / Deuzami F. Conceição.
- A tradição Nagô e o Candomblé de Recife. Mãe Lu de Yemanjá / Maria Lúcia Costa.
- Cosmologia do Candomblé - Vestimentas Sagradas. Mãe Dora de Oyá / Dora Barreto.
- Cosmovisão da Nação Congo Angola. Tata Mutá Imê / Jorge Barreto dos Santos.
- O Reinado e a tradição dos Arturos. José Bonifácio da Luz (Bengala) e Geraldo Bonifácio da Luz (Bingueiro).
- Congado. Eli Benedito.
- Congado e Moçambique. Zé Jerome.
- Bumba-meu-boi: Corpo, performance e artesanato. Gilvan do Vale e Tamatatúia Freire.
- Bumba-meu-boi: Canto e composição de toadas. Tamatatúia Freire.
- Cacuriá. Oficineiros-Brincantes: Cristiano Olímpio e Eliane.

- Carimbó. Lucas Bragança.
- Cavalo Marinho. Biu Alexandre.
- Folia do Divino e Catira. Oficineiro-Brincante John Meirelles.
- Viola e catira. Badia Medeiros.

2-UFMG

- A Cosmociência Guarani e Kaiowá. Valdomiro Flores.
- *OjuhuÑe'é / MbopajeÑe'e*. Nhanderu Valdomiro Flores.
- Saberes na Aldeia *Yynn Morothi Wherá* Alcindo Wherá Tupã.
- Saberes na Aldeia Velha. Jaçanã/Maria D'Ajuda Alves da Conceição.
- O livro vivo Huni-Kuin: narrativas, plantas e imagens. Maria Carlos Kaxinawa, Joaquim Maná Kaxinawa, Osmar Kaxinawa, Zezinho Yube.
- Cosmociências: Arte da Miçanga. Lira HuniKuín e Maria HuniKuín; Creuza Prumkwjy Krahô e Leila Jôxa Krahô, Sueli Maxakali e Eliane Maxakali.
- Arquitetura e cosmociência Xacriabá. Lourdes Evaristo, Libertina Ferro.
- Saberes Tradicionais: Cosmociência-culinária e construção Xacriabá. Lourdes Seixas Evarista; Rosa Seixas Ferro Bezerra; Isabel Cavalcante Bezerra; Domingas dos Santos Aquino Oliveira, Nicolau Gonçalves Alquimim, Telvina Moura Bezerra Alkimim, Senhorinha Dias de Sousa Franco, Vanginei Leite Silva.
- Territórios do Barro. Dalzira Xacriabá e Manoel Xacriabá.
- Saberes Tradicionais: construção da Casa Maxacali. Sueli e Isael Maxacali

- Cinema e Pensamento Xavante. Benjamin Wa'Aiho; Paixão Wa'umhi; Divino Tserewahú.
- Cinema e Pensamento Kino Maxakali. Sueli Maxakali (Xoeni Maxakani) e Isael Maxakali (Yaet Maxakani).
- Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais: Políticas da Terra. Cacique Babau / Rosivaldo Ferreira da Silva, Maria da Glória de Jesus e Glicéria Jesus da Silva Tupinambá; Dona Teresa Amarília Flores Guarani-Kaiowa; Maria Luzia Sidônio; Joelson Ferreira de Oliveira; Makota Valdina Pinto.
- Dinâmica das Manivas do Médio. Solimões. Maria Eugênia e Margarida Meireles.
- Cultura e Cultivo dos Quilombos. Badu / Silvio Siqueira e Sebastiana de Oxossi / Sebastiana G. R. Silva.
- Confluências quilombolas contra-colonização. Antônio Bispo dos Santos, Maria Luíza Marcelino.
- Curas e cuidados. Saberes no Quilombo do Mato do Tição. Badu / Silvio da Siqueira.
- Curas e cuidados Saberes no Quilombo do Cedro. Lucely Moraes Pio.
- Artes e ofícios dos saberes tradicionais: curas e cuidados. Lucely Moraes Pio, Badu / Silvio da Siqueira, Aparecida Arruda.
- Catar folhas: saberes e fazeres do povo de axé. Mãe Efigênia Maria da Conceição / Mametu Muiandê; Pedrina Lourdes dos Santos, Iyanifalfadara / Nilsia dos Santos, Ricardo de Moura, Makota Kidoiale / Cássia Cristina da Silva.

Chamando o Mato de Volta. Mestres: Makota Valdina Pinto; Pedrina Lourdes Santos;

- Pensamento e ação comunicacional em comunidades tradicionais. Makota Kidoiale / Cássia Cristina da Silva.

- Cantos Afro-brasileiros: brincando e resistindo na tradição. Jorge Antônio dos Santos e José Bonifácio.

- Ingira de Ingoma: Africanias Fagundes. Júlio Antônio Filho.

- Ingira de Ingoma: Africanias Arturos. Jorge Antônio dos Santos, João Batista da Luz, José Bonifácio da Luz, Geraldo Bonifácio da Luz – Bingueiro.

- Ingira de Ingoma: Africanias Tabatinga. Maria Aparecida Silva Martins

- Ingira de Ingoma: Africanias Jatobás. Expedicto da Luz Ferreira.

- Danças, cantos, toques e instrumentos tradicionais. Antônio Luiz de Matos; Arnaldo de Lima; João do Pife; José Bonifácio da Luz; Lazineho / Nilton Lázaro.

- Saberes da capoeira angola. João Bosco Alves da Silva. Professores: José Alfredo Bertoli .

- Artes e Poéticas Ancestrais – Capoeiragem e memória nas Gerais. Dunga - Amadeu Martins; Jurandir - Jurandir Francisco do Nascimento; Primo - Edson Moreira da Silva; Mão Branca - William Douglas Guimarães; Índia Itatiaia - Tânia Mara dos Santos Borges.

- Cosmociências: Saberes e Fazeres da Terra. Cacique Babau; Cacique Nailton Pataxó; Dirceu Pereira; Isael Maxakali ; Japira Pataxó ; Joelson Ferreira

José Bonifácio da Luz (Bengala); Primo (Edson Moreira da Silva); Mametu Kitaloyá; Maria Muniz; Sueli Maxakali; Valdemar Xakriabá

3-UFJF

- Agroecologia ainda que tardia. A experiência da Casa de Sementes da comunidade Barra do Touro - Serranópolis, MG - e a agroecologia em Araponga - MG. Geraldo Gomes Barbosa; Gilmar de Oliveira; Sebastião Estêvão, Sebastião Barbosa, Sebastiana dos Santos, Maria Madalena da Silva.

- Agroecologia: os caminhos, saberes e possibilidades da agroecologia. Gilmar de Oliveira; Joselino Anacleto da Silva; Gilberto F. Corrêa .

- Cultura Quilombola, Resistência em Festa. Tiana (Sebastiana de Oxóssi); Paulo Rogério dos Santos; Jeferson Alves de Oliveira (Quilombo do Tamandaré-Guaratinguetá/SP).

- Sabedoria Quilombola: conhecimentos ligados ao corpo, à cura, à natureza, cultura e história. Sebastiana de Oxóssi (Carrapatos da Tabatinga, MG); Paulo Rogério dos Santos (Miracema, RJ); Jeferson Alves de Oliveira (Quilombo do Tamandaré-Guaratinguetá/SP).

- Cultura Indígena na Brisa da Cura. A resistência e as cosmociências Krenak, Tukano e Ashaninka. Ailton Krenak (MG), Álvaro Tukano (AM) e Benki Ashaninka (AC).

- Sabedoria Indígena: saberes, cosmologias, perspectivas filosóficas, políticas, artísticas e medicinais.

Mestres: Ailton Krenak (MG); Álvaro Tukano (AM); Dauá Puri (RJ).

4-UFVJM

- Farmacopeia do Cerrado. Dalci José de Carvalho e Dona Maria do Rosário.
- Cosmologias Pataxó e Pankarau. Gesilene Braz da Conceição e Maria Aparecida da Conceição de Matos.
- Arte de partejar. Maria da Conceição Carvalho.
- Cheiros do Mato: Saberes tradicionais no cuidado com a terra. Côca, e Mestre João Domingos.
- Ancestralidade, Saúde e Resistência: Saberes Pankararu / Pataxó. Geo Pataxó e Cida Pankararu
- Espiritualidade, Corpos Brincantes e Sonoros. Antônio Bastião, Geni, Andrezinho.

5-UEMG

- Saberes das Danças, Cantos e Músicas Tradicionais. Amadeu Martins
- Capoeira; Dirceu Ferreira Sérgio: Quilombola; Régis Moreira Pinto - Tata Kitanji - Pai de Santo.
- Saberes e Fazeres Tradicionais de Cura e Cuidado. Altino Ferreira da Silva; Maria Catarina de Souza; Pedrina de Lourdes Santos.
- Saberes das Lutas pela Terra. Argemiro Graciano de Jesus; Terezinha Sabino de Souza; Miriam Aprigio; Tatiane Oliveira Pereira; Clarindo Pereira dos Santos; Babalorixá Everton de Iyemonjá.

6-UFF

- Saberes do Corpo e Aprendizagem Mbyá. Augustinho, Silva e Marciana. Para Mirim.
- Guarani: Nhandereko Mbya. Agostinho da Silva e Marciana Oliveira- Pajé Mbya-Guarani da aldeia Araponga em Parati. Professores Abrahão de Oliveira Santos –
- Saberes indígenas. Félix, Marise, Lana. Professora Mariana Paladino.
- Saberes do Corpo e Aprendizagem Caiçaras. Altamiro dos Santos e Benedita dos Santos / Dica
- Modos de Viver, de Ensinar e Aprender na Natureza e no Conflito. Altamiro dos Santos; Benedita Maurício dos Santos Rodrigues / Dona Dica.
- Saberes do Corpo e Aprendizagem no Jongo. Manoel Seabra.
- Cantos e Toques nos Jongos e Quilombos. Jeferson Alves de Oliveira / Jefinho; Paulo Rogério da Silva / Rogério de Oxossi.
- Cantos e Toques nos Jongos e Quilombos. Toninho Canecão e Fatinha.
- Oralidade e as Expressões Rítmicas no Terreiro. Ogã Kotoquinho – Osvaldo Sena.
- Ritmos e Performances do Terreiro. Ogã Kotokino/Osvaldo Sena.
- Saberes de Terreiro. José Roberto Braga Alves, Tata Ia. Nkisi Luazemi; Marcia Regina Vital da Silva, Nagbo Vodúnnòn Mejitó – Marcia de Sàkpáta.
- A Oralidade e as Expressões Rítmicas no Terreiro. Antônio do Nascimento Fernandes.

- Educação, Corpo e Espiritualidade - Saberes De Terreiro. Roberto Braga Alves, Tata la Nkisi Luazemi.
- Educação, Corpo e Espiritualidade Saberes De Terreiro. Marcia Regina Vital da Silva, Nagbo Vodúnnòn Mèjító Marcia de Sàkpáta.
- Formas de Expressão e Saberes Negros. Fatinha e Fatinha (Jongo de Pinheiral) e Suellen Tavares (Jongo da Serrinha); Ogã Kotoquinho (Filhos de Gandhi e Ilé Àṣẹ Alá Korowo) e Caio (Ilé Àṣẹ AláKorowo).
- Encontro de Saberes: Ritmos e Performances no Reizado e na Palhaçaria. Expedito Do Pifo e do Reizado (Palhaço Mateu).
- Encontro de Saberes: Ritmos e Performances do Cordel. Edmilson Santini.
- Cantos e Toques no Repente. Miguel Bezerra e Ednaldo Santos.
- (Re)existências: Culturas urbanas e suas relações com saberes tradicionais. Vogue -Mestra Idra Maria (KikiHouseofMamba Negra); Poetas do Vagão e Dudu do Morro Agudo.

7-UFRJ

- Saberes e Ocupações Tradicionais. Felix, Catarina e Miguel.
- Cultura Brasileira e Dança - Maracatu, Coco, Reisado, Frevo, Samba. Maurício Soares; Marcos Gomes do Maracatu; Júlia Muniz da Aldeia Maracanã; Patrão Neilton Santana de Sergipe ; D. Aurinha; Negadeza; Leonor de Moraes; Katia Juliana; Matheus Marcos; Otacílio Cabral de Arruda; Manoela Dionísio.

8-UNIRIO

- Laboratório de Dança Popular: Sotaques do Bumba-meu-boi do Maranhão. Nadir Olga Cruz; Florinaldo Silva, Maria José Lima.

9-UNIFESP

- Encontro de Saberes em Saúde. Lucely Moraes Pio; Carlos Papá; Catarina Santos; Makota Kidoialê.
- Cosmociências: Saberes do Batuque. Mestres: Cica de Oyó ; Michele de Oxum; Rodrigo do Bará; Iyá Sandrali ; Nina Fola .

10-UFRGS

- Artes Aplicadas: poéticas, performances e imagens nos territórios negros de Porto Alegre. Jorge Domingos.
- Sociedades e Cosmovisões: memórias e histórias afro-brasileiras em Porto Alegre. Eliane Rodrigues Espíndola.
- Artes Aplicadas: samba e carnaval em Porto Alegre. Paraquedas e Eliane Rodrigues Espíndola.
- Plantas e Espírito: o uso de plantas e os fundamentos da vida. Iracema Rã-Nga Nascimento – Xamã Kaingang.
- Alimento e rito: os alimentos sagrados e as sementes doadas por Nhanderu. Cacique Maurício Messa de Oliveira.
- Sociedades e Cosmovisões. Janja / Rosângela da Silva; Ellias; Leci Matos; António Matos; Cacique Cirilo Morinico; Iara Deodoro.
- Plantas e espírito: o uso de plantas e os fundamentos da vida. Iracema Rã-Nga Nascimento.

11-UFPA

- Música, Cultura Sociedade: Boi-Bumbá em Belém. Gilberto Mello – Beto.
- Música, Cultura e Experiência Pássaro Junino Tucano. Iracema Oliveira, Rosa Silva.
- Saberes e Fazeres Musicais: Oficina de percussões do Carimbó. Lucas Bragança.
- Diversidade e Diferença - Festa da Moça Nova e Festa do Mingau. Tixnair Tembê.
- Artes e ofícios do ato de nomear em KA'APOR. Mariuza Ka'apor e Piriha Ka'apo.

12-UECE

- Terra Toré: Tradição e Espiritualidade dos Índios Pitaguary. Raimundo Carlos da Silva (Pajé Barbosa).
- Torém e Espiritualidade Tremembé. Luís Manuel do Nascimento (Pajé Luís Caboclo; Francisco Marques do Nascimento (Cacique João Venâncio).
- Tradições Musicais da Cura: Cantigas e Rezas no Cariri Cearense. Maria de Fátima Monteiro Cosmo.
- Plantas que Curam: o Conhecimento das Mezinhas no Sertão do Ceará. Lúcio Eufrásio de Oliveira.

13- UFCA

- Epistemologia do Encontro de Saberes: Contextualização da disciplina e da Tradição do Coco no Cariri. Marinez Pereira do Nascimento.

- Saberes da cura, cantigas e rezas no Cariri cearense: plantas medicinais e tradição oral de rezas. Maria de Fátima Cosmo. Assistente: Francisco de Freitas.
- Terreiros de Candomblé e Umbanda: A música sagrada. Isaac de Oliveira Kassy.
- Repentes e violeiros: música e poesia oral. Ivan Granjeiro.
- Reisados no Crajubar: os saberes e fazeres musicais da região do Crajubar. Maria de Fátima Cosmo.
- Benditos e Incelências em Juazeiro do Norte: A tradição dos cortejos fúnebres. Neusa de Oliveira.
- Banda Cabaçal: os instrumentos, a música e a performance. Raimundo Aniceto.
- Instrumentos da música tradicional do Cariri: rabeca, pife, zabumba. Francisco de Freitas, Antônio Barroso, José Barroso, Gil Chagas.

14- UNILAB

- Saberes Tradicionais e as Universidades. Jorge dos Santos.
- Saberes Indígenas e o Encontro de Saberes. Cacique Sotero.
- Mestres da Cultura e Políticas Culturais. Dylla Costa Marques Almeida. Gestores Públicos Emmanuel Lopes, Henrique Rocha.
- Saberes Indígenas e Quilombolas. Cacica Pequena; Lucely Moraes Pio.
- Saberes Sagrados e Saberes da Vida. Mãe Zimá Ferreira da Silva, Mestra Maria de Tiê,

15-UFSB

- Tecnologia da cerâmica na tradição do Rio Jequitinhonha. Dagmar Muniz de Oliveira.
- Cartografias da cerâmica: trajetórias familiares e migração das técnicas. Fernando.
- Saberes dos manguezais. Pedrinho.
- Construção naval no Extremo Sul da Bahia. Louro: Lourival Bernardino dos Santos.
- O conhecimento popular da Mata Atlântica. Seu Beca.
- A vida na floresta. Oziel.
- O homem e a floresta: conhecimento tradicional e modos de vida Pataxó e quilombola; ancestralidade quilombola de Itacaré e Marambaia; estratégias de organização política. Otilia Maria Nogueira.
- Técnicas, tradições e escolas da terra: Tradições quilombolas. Seu Edi.
- O universo da cura indígena e a transmissão do saber. Japira Pataxó.
- Tradições e saberes dos Pataxó Hã Hã e Tupinambá. Maria Muniz.
- O Candomblé: práticas da saúde e cura. Eliomar de Jesus Almeida.
- Candomblé Angola: história, mitos e rituais. Mãe Ilsa / Mameto Mukalê.
- Introdução à cultura da Capoeira Angola. Virgílio.
- Fundamentos da Capoeira. Alan.

16-UFRR

- Artes e ofícios dos saberes tradicionais de matrizes africanas. Mestres: Vera Aparecida de Souza / Mutalê / Ifaseyji. Maria da Graças Pereira Bahia/ Mãe Yatylyssa. Carlos Alberto de Souza Fournier Filho / Tata

Bokulê; Jaqueline Michele Larre Guterres / Mãe Michele de Oxum; Vicente Castro Ihuruana.

- Plantas e Espíritos. Vera Aparecida de Souza Mutalê / Ifaseyji; Maria da Graças Pereira Bahia / Mãe Yatylyssa.
- Plantas e Espíritos. Maria da Graças Pereira Bahia/ Mãe Yatylyssa; Carlos Alberto de Souza Fournier Filho / Tata Bokulê.
- Sociedade e Cosmovisão. Guterres / Mãe Michele de Oxum.
- Linguagens e Narrativas. Vicente Castro Ihuruana.

17-UFT

- Encontro de Saberes: Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais Quilombolas e Indígenas: Saúde e Meio Ambiente. Isaías; Roxão; Dainda; Antônio Nrômekma Xerente – Pajé do povo Xerente (Tocantins-TO); Pai Gil; Miró.

18- UFG

- Encontro de Saberes na UFG – Artes Populares. Durval Martins Mestre Goyano; Carlos Cesar Nascimento Mendes; Peixinho; Gilvan do Vale.

Ao olharmos para as inovações pedagógicas acima descritas podemos concluir que praticamente nenhuma desses temas ou abordagens estavam contemplados nem nas disciplinas nem nas ementas dos cursos vigentes nessas universidades. A razão para isso é simples, porém quase nunca refletida e nem sequer enunciada: com

raríssimas exceções, nenhum projeto político-pedagógico de qualquer curso aberto até hoje em nossas universidades foi realizado em diálogo com os povos tradicionais, com atenção para seus anseios de formação da sua juventude⁹. Como veremos nas dimensões do Epistemômetro descritas abaixo, o interesse epistêmico dos cursos antes da chegada dos mestres refletiu exclusivamente o interesse da classe acadêmica branca eurocêntrica e predominantemente burguesa metropolitana.

Epistemômetro: Dimensões e variáveis da descolonização epistêmica

Partindo de um quadro original construído segundo um padrão exclusivamente eurocêntrico, a proposta do Epistemômetro é registrar as mudanças institucionais, tais como aberturas de cursos e programas, criações de disciplinas, alterações das ementas das disciplinas existentes,

⁹Uma exceção digna de nota é a iniciativa da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), que construiu seu projeto acadêmico em diálogo com os povos e comunidades da região, inovação que foi relatada e teorizada detalhadamente em um livro recente (TUGNY; GONÇALVES, 2020).

criações de revistas acadêmicas, grupos de pesquisa, contratação de professores, que ampliem e contribuam para o estabelecimento de uma universidade pluriepistêmica, com espaço intelectual para abrigar os conhecimentos afrocêntricos, indigenocêntricos, quilombocêntricos, das culturas populares e dos demais povos tradicionais brasileiros.

O exercício do Epistemômetro pode começar com a análise das referências bibliográficas contidas nas ementas das disciplinas. Nelas buscaremos identificar a variedade dos temas a ser ensinados, a partir de que interesses dos grupos comunidades e povos da sociedade, refletindo ou repercutindo que vozes e a quem representam, baseados em que métodos e teorias, sustentados por quais epistemes, defendendo que modos de viver e formando parte de que proposta civilizatória. As ementas são textos escritos, porém elas deverão registrar não apenas as referências escritas, mas também as referências orais que serão trazidas para os cursos e as disciplinas pelos mestres e mestras do Encontro de Saberes. Partimos do princípio de que a ementa e o currículo são a arena

onde sucede o embate descolonizador que permitirá a construção de um espaço acadêmico pluriépistêmico.

A aplicação do Epistemômetro se concentra na observação de sete dimensões que permitem avaliar o processo de passagem de uma academia monoépistêmica para uma academia pluriépistêmica; e um número maior e ainda aberto de variáveis que ainda poderemos identificar no currículo que vai se transformando com a chegada crescente dos saberes não-ocidentais. Obviamente, o termo "epistemômetro" é uma metáfora para definir uma ferramenta analítica crítica, onde "metro" não é apenas quantificação ou contagem numérica, mas também qualificação, proporção, relação e mesmo mera identificação de uma presença nova do que sempre esteve ausente.

a) temas

Identificar os cursos, temas e bibliografia sobre culturas indígenas, afro-brasileiras, quilombolas, das culturas populares e das demais tradições historicamente excluídas do cânon acadêmico eurocêntrico. Analisar o elenco das disciplinas

ofertadas, observando os tipos de disciplinas: obrigatórias; seletivas; optativas do elenco das obrigatórias; optativas suplementares; de módulo livre.

A diversidade epistêmica será maior quanto mais ampla e multicultural for a temática; e será mais intensa a depender do tipo de disciplina que incorpore os saberes não-ocidentais modernos. Visto por outro ângulo, dimensionar a variedade de temas nos permite avaliar o grau relativo de reprodução do cânon acadêmico eurocêntrico das disciplinas. Como em todas as demais variáveis, o cânon influencia e é influenciado pelas demais dimensões de organização do currículo universitário.

Atenção a essas várias dimensões nos permite abordar a tarefa da descolonização como uma acumulação de ações de distintas intensidades. Sobre a primeira variável, resta claro que aumentar a oferta temática, incluindo temas indígenas, afro-brasileiros, quilombolas implica em um grau de descolonização, pois a episteme eurocêntrica não priorizou inúmeros temas ligados aos saberes não-

ocidentais. Um exemplo dessa descolonização temática é a Lei 10.639, de 2003, que obriga o ensino da História da África e da Cultura Afro-Brasileira¹⁰. De fato, se por um lado podemos considerar a Lei 10.639 como a primeira lei federal deveras descolonizadora no Brasil, ela também suscita a aplicação do Epistemômetro inspirado no Encontro de Saberes: afinal, quem ensinará a cultura afro-brasileira (e a cultura indígena também, após a Lei 11.645) e com que abordagem? Ou seja, as duas Leis obrigam a ampliação dos temas para além do eurocentrismo, porém não garantem necessariamente a ampliação dos interesses, das perspectivas, das abordagens e das teorias. Essa ressalva, de não associar a ampliação temática com o processo completo de descolonização, foi colocada com grande ceticismo por Sabelo Ndlovu-Gatsheni, que também incluiu a inclusão temática como a terceira das suas seis dimensões da descolonização epistêmica (2018:81)

¹⁰ A Lei 10.639 completa este ano duas décadas, com o passivo de que a maioria das universidades federais ainda não a implementou.

b) interesses

Os interesses apontam para o conjunto de fatores – sociais, políticos, econômicos - que condicionam a escolha dos temas considerados relevantes e o bloqueio ou a indiferença face os outros. Além disso, eles influenciam também a disputa pelas vozes e representações e os paradigmas e teorias. Nas dimensões sociais estão incluídas, além dos interesses de classe, os interesses raciais, étnicos, de gênero, comunitários, regionais, linguísticos e espirituais, entre outros. Por exemplo, uma educação indígena deve responder originalmente aos interesses dos povos e comunidades indígenas e a elas deve responder. Analogamente, a promoção dos saberes afro-brasileiros deve atender (ainda que não exclusivamente) aos interesses da comunidade negra brasileira.

Os interesses plasmados no currículo permitem-nos fazer uma radiografia da instituição universitária colonizada em todo o Sul global. Qualquer leitura internalista do desenvolvimento da ciência como resultado exclusivo das dinâmicas de um espaço de “conhecimento puro”

(como o Mundo 3 de Karl Popper) mostra-se insuficiente diante dos evidentes condicionantes de classe econômica, raça, gênero e região que o capitalismo impôs nas universidades para reproduzirem a prática da produtividade empresarial, com sua influência evidente nos direcionamentos dos projetos de pesquisa e nos projetos dos cursos oferecidos e o imperialismo global exercido pelas universidades hegemônicas dos países ocidentais centrais, controladores dos índices e "rankings" por sobre nossas universidades.¹¹

Uma referência aqui é o conceito de "intelecto geral" formulado por Karl Marx no famoso "Fragmento sobre as Máquinas" dos *Grundrisse*: "...o saber social geral, conhecimento, deveio força produtiva imediata e, em consequência, até que ponto as próprias condições do processo vital da sociedade ficaram sobre o controle do 'intelecto geral' e foram reorganizadas em conformidade com

¹¹ Em síntese, os três mundos de Popper são: Mundo 1, da matéria física, inerte; Mundo 2, da vida subjetiva, as paixões e a dimensão moral; Mundo 3, do conhecimento puro objetivado, mundo das ciências e das artes (POPPER, 1975, 1978 e 1997).

ele" (2011, p. 589). Podemos resumir-lo em uma pergunta simples: de quem é o interesse e de quem é o controle sobre o poder do conhecimento acadêmico hoje?

Em suma, a diversidade de interesses epistêmicos (de classe, raça, etnia, região, gênero) trazida pelas cotas e pelo Encontro de Saberes passa a refletir agora a disputa pelo controle epistêmico na instituição universitária, que antes atendia exclusivamente aos interesses do grupo acadêmico elitizado. Enfim, com o "intelecto geral" podemos articular, de um modo inseparável, as dimensões sociais (de classe), política, econômica e epistêmica em uma academia sob o regime capitalista. Se Marx inaugurou a leitura externalista da episteme acadêmica, talvez sua aplicação mais rica e que nos serve de modelo de estudo até hoje tenha sido o estudo de Boris Hessen (1971) apresentado em 1931, dos condicionantes sociais, econômicos e políticos da própria concepção e criação dos famosos *Princípios* de Isaac Newton.¹²

¹² Para uma atualização da epistemologia marxista de análise dos condicionantes sociais e econômicos da ciência, ver Freudenthal e

Significativamente, no lado oposto do espectro da teoria marxista, atenção à variável do interesse foi afirmada também por Karl Popper, epistemólogo sempre associado ao lado mais internalista, objetivista e realista da ciência: “a objetividade da ciência natural e social não está baseada num estatuto imparcial da mente dos cientistas, mas meramente no fato do caráter público e competitivo da empresa científica e isso, em certos aspectos sociais dela” (2004, p. 40).

c) **vozes e formas de representação**

A pluralidade temática e a pluralidade de interesses presentes nas dezenas de disciplinas dos mestres e mestras acima listadas foram expressas em várias vozes e várias línguas. A experiência do Encontro de Saberes até agora aponta (ou simplesmente exemplifica) para uma correlação básica entre diversidade linguística e diversidade epistêmica. Consequentemente, um passo importante é a identificação das línguas indígenas, africanas, asiáticas e de outras famílias linguísticas não-

ocidentais e não hegemônicas ensinadas. Simultaneamente, há que incluir sem restrição os modos de fala e os discursos não limitados pela norma culta portuguesa acadêmica.

Além da língua, a pluriepistemia dos mestres amplia também os regimes de fala. Enquanto a fala acadêmica é majoritariamente racional, os mestres exercitam outros regimes: a fala poética, comum a muitos mestres da performance; as narrativas, formais ou criadas na ocasião; a associação livre e o fluxo de consciência; a fala mítica, comum a muitos pais e mães de santo e xamãs; a fala revelada, como a dos pajés guaranis.

Observamos aqui também o impacto epistêmico dos *loci* de enunciação e sua complexa influência na afirmação de identidades. Um exemplo de enunciação não canônica é o “pretuguês” expresso na escrita de Lélia Gonzalez, com a qual enfatizamos que nossa medida não é mais o monolinguismo coloquial eurocêntrico, mas a polifonia – e mais ainda, a heteroglossia bakhtiniana: todas as vozes, com todos os seus léxicos particulares, suas inflexões retóricas próprias. Ou seja, com as

Grossmann (2009), que inclui uma nova tradução do ensaio antológico de Hessen.

múltiplas vozes superamos o pressuposto cartesiano ainda hegemônico de um sujeito vazio da ciência.

Outra referência nesta dimensão das vozes e representações é a teoria da interseccionalidade, marcada pela epistemologia da complexidade, desenvolvida por Kimberlé Crenshaw (2002) e Carla Akotirene (2019), e que complexifica a noção isolada de identidade de classe, racial, de gênero, entre outras. Stuart Hall também teorizou a articulação identitária e a formação do sujeito moderno (HALL, 2006); e por meu lado, ofereci um modelo de quatro dimensões da identidade racial (CARVALHO, 2020c).

Empregamos o termo de vozes no sentido metafórico, enfatizando que elas não significam apenas a palavra falada, mas os conteúdos e abordagens que são transmitidas pelos corpos, com todas as suas dimensões expressivas; ou seja, os signos produzidos e expressos incluídos nas corporalidades e todas as demais formas de expressão possíveis. Faz parte também dessas variáveis a leitura dos espaços onde acontecem os processos de

transmissão com a sua variedade semiótica, visto que a manufatura dos espaços é parte dos modos e meios específicos de representação dos povos, etnias e grupos sociais.

Mudanças de vozes, representações, corporalidades e espaços conduzem a mudanças pedagógicas, não apenas para o ensino dos temas, mas para a definição mesma do que seja o conjunto de temas trazidos pelos mestres.¹³

d) paradigmas e teorias

Aqui entramos em uma dimensão mais complexa e abstrata da articulação dos saberes plurais na academia: observamos as abordagens teóricas, os conceitos e as metodologias, todos ligados aos saberes propriamente ditos, notadamente dos indígenas e afro-brasileiros, sobre os quais nem sequer temos ainda uma taxonomia adequada. Partimos do conceito já canônico de paradigma cunhado por Thomas Kuhn n'A *Estrutura das Revoluções Científicas*. Apesar da

¹³ Sobre os desafios pedagógicos do Encontro de Saberes, ver Carvalho e Águas (2015) e Carvalho e Costa (2020).

flexibilidade e a abertura presentes nas formulações de Kuhn, elas analisam dinâmicas intrínsecas e exclusivas da revolução científica moderna, e neste sentido, apesar de úteis, são insuficientes para servir como metalinguagem de um campo de pluralismo epistêmico novo em que a episteme ocidental passa a ser apenas uma entre várias. Outra referência advinda do campo clássico da Epistemologia seria associar essa dimensão dos paradigmas e teorias, variados como são ao somar saberes indígenas, afro-brasileiros e ocidentais, com o Mundo 3 de Karl Popper, por ele definido como o mundo do saber objetivado: é o campo do saber que se amplia ocupando o mesmo mundo já constituído pelo saber acadêmico ocidental.

Retiramos de Popper o seu pluralismo temático e teórico, ao admitir que o Mundo 3 é dinâmico e em perpétua expansão e transformação, tendo ainda a característica de englobar ao mesmo tempo as ciências e as artes. Com o Encontro de Saberes, a partir de agora esses dois domínios dever ser acolhidos no plural: ciências e artes ocidentais, ciências e artes indígenas

e ciências e artes afro-diaspóricas. Podemos identificar dezenas de exemplos desses saberes abstratos objetivados do Mundo 3 na lista das disciplinas acima apresentada. No caso do Encontro de Saberes, a dimensão transdisciplinar toma uma feição nova, não mais eurocêntrica, porque está tingida pelo princípio mais dinâmico e menos essencializado da polimatia dos mestres, que aprendem, pesquisam e transmitem o que sabem segundo princípios que agrupam os tipos variados de conhecimento e unificam os seus modos de conhecer em várias epistemes.

Em várias disciplinas, os mestres elaboram teorias e conceitos próprios das suas comunidades. Aqui podem entrar exemplos da pluralidade de ontologias (o que se costuma chamar na Antropologia de virada ontológica), específicas das várias nações indígenas, lembrando do que já tivemos mestres e mestras de 25 nações, falando 13 línguas distintas. Outros mestres trazem as ontologias das diferentes nações de candomblé, da jurema, dos encantados, de tambor de mina, entre outras tradições.

Vemos nas disciplinas ainda as variáveis das narrativas e as

cosmogonias das diferentes nações indígenas.

e) epistemes;

Aqui chegamos à dimensão catalisadora do ciclo interdependente das sete dimensões e variáveis do Epistemômetro. Partimos da episteme ocidental moderna, que influencia, entre outros fatores, a organização geral da universidade em unidades acadêmicas: faculdades, institutos, departamentos, centros, com seus sistemas específicos de legitimação científica. Nos casos em que as unidades sejam inter ou transdisciplinares, podemos observar se a inter ou a transdisciplinaridade proposta é construída com a combinação de disciplinas eurocêtricas ou se incluem abordagens ou temas derivados das epistemes não-ocidentais, tais como as indígenas, afro-brasileiras ou outras. Nesses casos, avaliaremos também a relação entre a transdisciplinaridade acadêmica e a polimatia dos mestres e mestras.

Uma marca de diferença radical a ser observada em relação à episteme ocidental moderna é a ativação do que chamo de

epistemologias do cosmos vivo, presente nos povos indígenas, nas religiões de matriz africana e em praticamente todos os demais povos tradicionais (CARVALHO, 2020 e 2023). Com elas devidamente ativadas, descolonizamos o espaço acadêmico eurocêntrico.

O protocolo de diálogo dessas epistemes com a episteme ocidental deverá incluir aqueles aspectos tidos como dissidentes da Epistemologia disciplinar hegemônica. Enuncio três áreas que exigirão protocolos novos de convivência intepistêmica, surgida com a contribuição do Encontro de Saberes.

Em primeiro lugar, há que promover o conhecimento tácito, modo dominante de validação dos saberes dos mestres e mestras dos povos tradicionais. Thomas Kuhn menciona o conhecimento tácito como um componente relevante, ainda que marginal, de um processo formalizável de alcance do conhecimento válido (isto é, o conhecimento explícito), no Posfácio de 1969 ao seu famoso *A Estrutura das Revoluções Científicas*, publicado originalmente em 1962.

Kuhn retirou a importância do conhecimento tácito da obra de

Michael Polanyi, que dele fez uma defesa extremamente elaborada, colocando-o no centro de sua tarefa epistemológica de fundamentação do conhecimento científico (e também humanístico) em pelo menos duas densas obras: *Conhecimento Pessoal* (1962) e *A Dimensão Tácita* (2009). Desta segunda obra reiteramos um lema básico do conhecimento tácito que abre a possibilidade de diálogos interepistêmicos com os saberes dos mestres e mestras: "...nós sabemos mais do que somos capazes de dizer" (*id*, p. 4). Mais ainda, o caminho do conhecimento explícito pressupõe o conhecimento tácito: "o processo de formalizar todo o conhecimento a expensas de excluir qualquer conhecimento tácito é autodestrutivo" (*id*, p. 20).

O que retiramos da lista das disciplinas é uma espetacular expansão de tradições de conhecimento que deverão inspirar o trabalho acadêmico correlato de expansão de conhecimento explícito. Para dar apenas alguns poucos exemplos, pensemos no saber dos pescadores artesanais de divisarem cardumes no mar exclusivamente pelo olhar, sendo capazes, inclusive, de

identificar as espécies pelo borbulhar das ondas; o saber dos caiçaras sobre os regimes das chuvas e dos ventos; a pesca em Laguna, Santa Catarina, com ajuda dos botos, que se comunicam com os pescadores e passam informações precisas para a captura dos peixes. O enriquecimento do saber acadêmico brasileiro, o reconhecimento dos saberes dos povos tradicionais e os benefícios trazidos para todos os envolvidos nesses diálogos é o horizonte atual da descolonização do currículo através da expansão epistêmica.

Além do conhecimento tácito, os mestres e mestras manipulam e transmitem conhecimento explícito não matematizável. Aqui abrimos um outro campo de expansão epistêmica que atravessa várias áreas do saber, das tecnologias e do artesanato, tais como a concepção da forma e a precisão de alguns artefatos indígenas que parecem quase impossíveis de serem realizados sem o apoio de máquinas e computadores. Vale a pena retomar aqui um lema da epistemologia goetheana, sobre a qual discorri em outro trabalho: "existem coisas exatas que não podem ser calculadas e muitas coisas que não podem ser

levadas a um experimento decisivo” (GOETHE, 2002, p. 51).

Ressaltar a centralidade da transmissão oral, conectada com as duas variáveis anteriores. Um novo protocolo se fará necessário para a convivência dos dois tipos de validação do saber: o do letramento acadêmico altamente especializado; e o da oralidade plena, baseada na presença irrepitível e insubstituível do mestre em sala da aula. Em suma, deveremos desenvolver as ferramentas epistêmicas necessárias para validar não apenas os documentos de saber acadêmico escritos (ciência e arte) como os documentos de memória viva, da qual contamos com a defesa magistral da tradição viva de Amadou Hampaté Bâ (2010).

f) **modos de viver**

Apesar da abstração constitutiva da episteme e sua função de fundamento para o conhecimento acumulado por um determinado povo em uma determinada época, os diversos povos privilegiam princípios epistêmicos que são compatíveis com seu modo de viver. Os povos indígenas, os povos de terreiros, as

caixaras, os quilombolas, os extrativistas e todos os demais povos tradicionais vivem em uma relação de troca e diálogo com o meio ambiente, ou seja, em uma relação sujeito-sujeito com a natureza. Não faria sentido para eles, portanto, abraçar uma epistemologia de base cartesiana-newtoniana que trataria as florestas, os rios, a terra e o mar como mera coisa extensa e inerte, desprovida de sentimento e expressão, e que pudesse ser manipulada e destruída segundo as leis da ciência ocidental moderna objetivada em tecnologia.

A questão do modo de viver foi (re)colocada na academia ocidental no final do século passado por Pierre Hadot, na sua interpretação do saber dos pensadores antigos (gregos e romanos), equivalentes aos nossos mestres e mestras, chamando a atenção para a perda do cultivo da vida na sociedade ocidental que se globaliza (HADOT, 2009 e CHASE; CLARK; MCGEE, 2013). Hadot trouxe a mensagem, afim com a posição externalista marxista, de que a episteme moderna é influenciada pelo modo de viver ocidental gerado antes (obviamente, sem negar que a recíproca também é verdadeira).

Realizando o que o pensador francês apenas pôde enunciar, diversos modos não-ocidentais de viver já foram apresentados por mestres e mestras indígenas e quilombolas, tais como Álvaro Tukano (2015), Davi Kopenawa (2019) e Antônio Bispo (2019) na UnB, Maria Muniz (2021) na UFMG, entre outros.

g) propostas civilizatórias

Finalmente, em um nível mais alto de abstração, este conjunto de dimensões que giram em torno de uma episteme configura uma proposta civilizatória. Neste momento, a episteme hegemônica serve de fundamento para um processo civilizatório capitalista produtor de desigualdade social crescente e destruidor do meio ambiente sem limites, ambos processos em escala planetária. Tal projeto é também denominado ecocídio e/ou capitaloceno e em suas referências argumentativas a palavra "civilização" sói ser precedida das palavras "declínio" ou "decadência".¹⁴O Mestre

¹⁴Evito o termo antropoceno porque os povos tradicionais de todo o mundo resistem e se opõem ferozmente a tal projeto; neste sentido, o termo não os representa e os silencia, na medida em que eles também são "antropos".

quilombola Antonio Bispo chama essa atitude de cosmofofia.

O Epistemômetro propõe identificar o currículo dos cursos que formam os jovens que darão continuidade a essa distopia. Por outro lado, vários projetos civilizatórios não cosmidadas continuam vivos e em expansão, inclusive nas universidades. Eis alguns deles:

- a) Ubuntu ou Utu. O lema "Eu sou porque nós somos"; ou "Eu sou porque você é" é uma proposta civilizatória comum a várias nações bantos e que atualmente se difunde em um movimento de unificação de todos os habitantes da África e também da Diáspora Africana nas Américas.
- b) O termo *Tianxia* (Tudo sobre o Céu) é uma proposta civilizatória chinesa antiga que foi reformulada recentemente por Zhao Tingyang, que a oferece como um novo modelo para as relações internacionais e governança global baseada na cooperação irrestrita e na postura radicalmente inclusiva no conceito de *wu wai* (nada

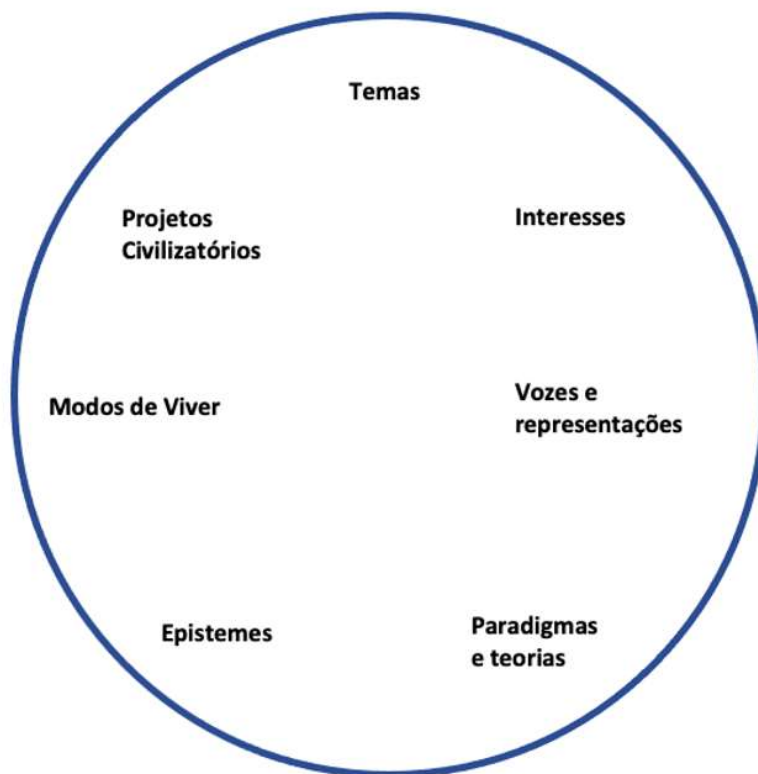
fora).

axé-ori-orixá-egun.¹⁵

- c) O *Sumaq Kausay* (Bem Viver) é uma proposta civilizatória formulada nos países andinos, servindo de fundamentação até para a Constituição do Equador. É formulado também em aimará como *Suma Qamaña* e em guarani (especialmente da Bolívia) com o termo *Teko Porã*.
- d) *Aguyjé* – Também os povos Guaranis *Mbyáe Kaiowá* do Brasil expressam esse projeto de vida pacificada e unificada espiritualmente com a vida solidária em comunidade com o termo *aguyjé*, traduzido às vezes, de um modo parcial, como uma expressão de gratidão.
- e) A perspectiva do axé do candomblé, tomado como o coletivo dos povos de terreiro em escala nacional, é uma proposta civilizatória análoga ao *Ubuntu* e ao *Tianxia* por transcender as diferenças entre estilos e nações e assim unificar os seres humanos com os ancestrais e o cosmos, desdobrando-se no quatérnio

¹⁵Para a perspectiva do *Ubuntu*, ver Mugo (2021) e Ngoenha (2011); para o modelo do *Tianxia*, ver Tingyang (2016); para o Bem Viver e o *Teko Porã*, ver Acosta (2016); para a perspectiva do axé, ver (CARVALHO, 2023d).

Dimensões interdependentes do Epistemômetro



As variáveis surgem da análise das inovações curriculares do Encontro de Saberes. O círculo delinea um sistema de retroalimentação: cada uma delas forma e é por sua vez formada por todas as outras. Essa cadeia interdependente, contudo, não gira com uma velocidade estável, porque algumas dimensões são mais suscetíveis a mudanças rápidas que outras. Os temas certamente sofrem um ritmo mais veloz de mudança que os paradigmas e as epistemes, por

exemplo; e estas, por sua vez, podem mudar antes que os modos de viver e as propostas civilizatórias.

Todavia, podemos observar as variáveis a parte de qualquer uma, independente do seu ritmo mais provável de mudança. De fato, diferentes edições do Encontro de Saberes podem favorecer mais umas que outras, a depender das circunstâncias e/ou das preferências de cada mestre ou mestra. Comentando brevemente o conceito de “programa de pesquisa” criado por

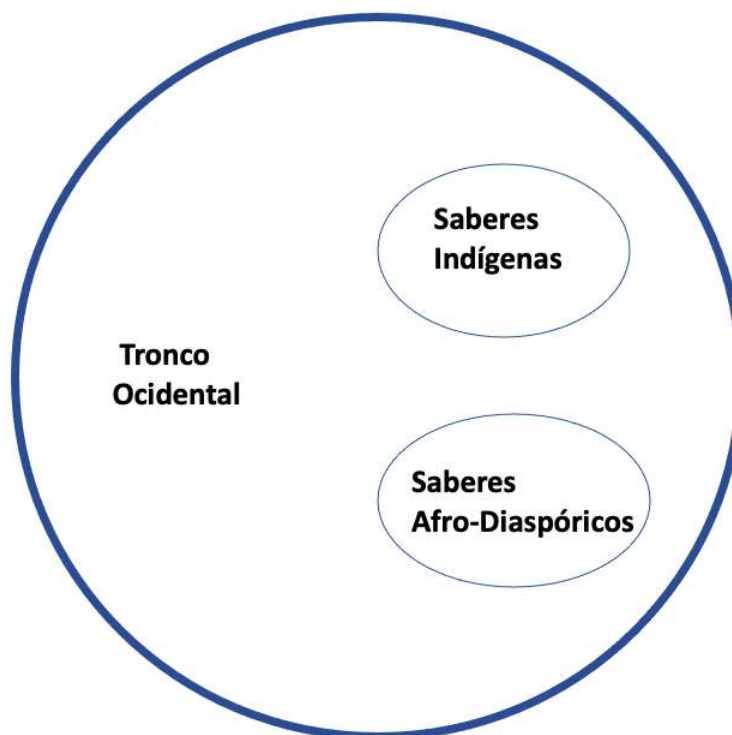
Imre Lakatos para funcionar como alternativa ao conceito de paradigma de Thomas Kuhn, talvez fosse possível nomear o próprio movimento do Encontro de Saberes como um novo programa de pesquisa em construção. Em tal caso, ele não seria um programa específico, pois essa empresa textocêntrica excluiria obviamente os mestres e faria o Encontro de saberes retornar ao monologismo acadêmico que justamente queremos superar. Se fôssemos fraseá-lo nos termos de Lakatos, aparentemente o que temos até agora são embriões de vários novos programas de pesquisa - das raizeiras, das sementes crioulas, das arquiteturas do barro e da palha, entre outros, todos condicionados por uma multiplicidade de interesses e representações, teorias e abordagens, modos de viver e projetos civilizatórios trazidos pelos mestres e mestradas

dezenas de povos tradicionais brasileiros.

Por isso, estamos diante de um primeiro momento de uma afirmação potente da pluralidade epistêmica sem precedente na história das universidades brasileiras. Obviamente, essa afirmação da pluriepistemia acadêmica é ainda pequena diante da escala absolutamente avassaladora dos conteúdos eurocêntricos que são ensinados e utilizados como referência única de saber válido em todos os nossos cursos. Apesar desse contraste quantitativo ainda favorável à episteme eurocêntrica, as disciplinas do Encontro de Saberes afirmam uma revolução qualitativa provavelmente sem retorno: a tendência é que mais e mais saberes não eurocêntricos sejam incluídos com base nas epistemes indígenas e afro-diaspóricas.

Uma representação possível desse modelo colonizado monoepistêmico é o gráfico a seguir.

Universidade Monoepistêmica



Duas dimensões ressaltam neste gráfico: a primeira delas, a redução ou negação dos troncos das epistemes indígenas e afro-brasileiras, pois o único modo em que esses saberes apareciam era pela sua tradução ao paradigma eurocêntrico; a segunda, é a escala simplificada em que apareciam, pois 95% do conteúdo ensinado e reproduzido estava concentrado no tronco eurocêntrico. Por mais de um século de vida universitária, contávamos apenas com um tronco epistêmico, o eurocêntrico, e todos os saberes indígenas, afro-brasileiros, populares e dos demais

povos tradicionais eram raramente representados (e ainda assim de uma forma breve e incompleta) com os parâmetros da episteme ocidental moderna.

A Lei 10.639 de 2003 marcou o primeiro momento de expansão da diversidade temática; ensinar a História da África e a Cultura Afro-Brasileira. Contudo, o modelo epistêmico eurocêntrico não foi diretamente questionado. Mais ainda, não ficou clara a necessidade de se apresentar os conteúdos da Lei segundo o paradigma epistêmico afro-diaspórico, isto é: se deveríamos

ensinar as culturas afro-brasileiras vendo-as do mesmo modo como são vistas pelos negros que vivem nas comunidades afro-brasileiras. A Lei 11.645, de 2008, também significou uma segunda expansão da diversidade temática, ao tornar obrigatório o ensino das culturas indígenas (e por culturas indígenas leia-se a gama completa dos saberes indígenas). Porém, assim como a Lei 10.639, ela não deixou explícito se as culturas indígenas deveriam ser ensinadas na perspectiva epistêmica dos povos indígenas. Na medida em que esse debate não apareceu, a monoepisteme eurocêntrica propriamente dita continuou organizando o ensino superior e a inovação das duas Leis ficou restrita ao plano curricular, e ainda mantido o padrão letrado de ampliar a bibliografia sobre os saberes indígenas e afro-brasileiros. Resumindo, o círculo monoepistêmico acima representa o modo como as duas Leis propuseram o avanço curricular, com ênfase quase exclusiva na dimensão temática, duas décadas atrás. De fato, nossa realidade epistêmica, desde a fundação das universidades até o início de 2003, seria representada por

um único círculo, do tronco epistêmico ocidental, com alguns pequenos pontos internos representando as eventuais menções ou os poucos temas indígenas ou afro-brasileiros que despertavam o interesse de alguns pesquisadores

O quadro epistêmico se transforma radicalmente nas universidades após a expansão do Encontro de Saberes, que traz os saberes indígenas e afro-brasileiros para a sala de aula pela voz dos seus mestres e mestras. Essa nova realidade epistêmica pode ser representada pelos três círculos borromeanos seguintes.¹⁶

¹⁶Elaborei o modelo dos troncos epistêmicos nos círculos borromeanos com mais detalhes em Carvalho (2023b).

Universidade
Pluriepistêmica



A lista de disciplinas do Encontro de Saberes nos permite visualizar o processo de ampliação e diversificação dos troncos epistêmicos no interior do nosso mundo acadêmico. Os três círculos borromeanos expressam o processo novo de cruzamento, fusão, complementaridade, confronto ou coexistência pacífica da episteme eurocêntrica com as epistemes indígenas e afro-diaspóricas. Recapitulando, a primeira imagem expressa a redução à condição de meros objetos de estudo na perspectiva eurocêntrica, que reinava

absoluta. Ou seja, as epistemes não-eurocêntricas eram (e ainda continuam sendo em grande medida) subsumidas aos parâmetros teóricos, metodológicos e conceituais da episteme eurocêntrica. A segunda imagem, dos nós borromeanos formados pelos três círculos, pode ser visualizado como um processo de crescimento, autonomização e diferenciação epistêmica, em que os saberes indígenas e afro-diaspóricos finalmente transcendem e rompem com sua condição de subordinação e confinamento no interior do círculo autorreferente do tronco eurocêntrico,

que se representava, não como eurocêntrico e monoepistêmico, mas como universal.

Façamos ainda um pequeno exercício de reconhecimento e localização dos conteúdos dos saberes - ocidentais, indígenas ou afro-brasileiros - ensinados nos cursos do Encontro de Saberes, tanto no modelo monoepistêmico como no pluriépistêmico. Por exemplo, podemos identificar o módulo de arquitetura Kamayurá ou o gênero musical da flauta xinguana Jacuí como pertencente à parte exclusivamente indígena dos três círculos; o módulo sobre a tradição Nagô, ou iorubá, como a parte afro-diaspórica; o módulo sobre a cantoria nordestina caberia no espaço dos saberes ocidentais; o módulo sobre Congado encaixaria no nó superior dos círculos que une os saberes ocidentais com os saberes afro-diaspóricos; e o módulo sobre os encantados dos Pataxós e Tupinambás estaria na parte central, onde os três troncos se entrecruzam. Este é apenas um esboço para ilustrar a complexidade epistêmica que começa agora a se estabelecer nos nossos cursos de currículo até agora

cristalizado pelo tronco puramente ocidental.

Na mesma medida em que as duas epistemes iam saindo do seu aprisionamento do círculo eurocêntrico, iam também se desvencilhando da sua condição de objeto a ser interpretado e representado na perspectiva exclusiva da monoepisteme eurocêntrica. Os diferentes espaços de interseção gerados pelos três nós podem indicar os sincretismos, hibridismos e fusões interepistêmicas várias que foram se manifestando ao longo de nossa história; e essas interseções podem conviver com as perspectivas exclusivas de cada um dos três troncos, vistos cada um deles em suas configurações históricas singulares. Por outro lado, na imagem dos círculos borromeanos não vemos apenas um (como na primeira imagem), mas três sujeitos.

A lógica Igbo do Ezumezu desenvolvida por Chimakonam, isto é, do terceiro incluído complementar, presta-se a representar o mundo que começa a surgir com o Encontro de Saberes como um novo espaço pluriépistêmico: os padrões eurocêntricos que serão rejeitados; os

que continuarão como sempre estiveram; e os que serão transformados a partir do filtro poliepistêmico colocado pelos saberes indígenas e afro-brasileiros.

Com o pluralismo epistêmico do Encontro de Saberes entramos em uma esfera nova de questões epistemológicas, praticamente sem precedentes na história da ciência moderna. Pela primeira vez nesses últimos trezentos anos de debate, as questões e pretensões de conhecimento válido foram colocadas por sábios situados fora da comunidade científica letrada ocidental. Até mesmo a refutação dos saberes ditos esotéricos, como a astrologia, a alquimia, a numerologia, entre outros, foi um movimento iniciado e mantido no interior daquela comunidade letrada. Ou seja, tanto os defensores desses saberes ditos espirituais quanto seus críticos estavam inseridos nesse grande arquivo escrito; e o que mudou, em parte, na postura dos críticos e rejeitadores das ciências esotéricas foi (também) uma mudança do regime de escrita, tema frequentado nos debates epistemológicos e em suas adjacências, como no livro de Michael

de Certeau *A Fábula Mística*, sobre a mudança do regime discursivo logo após Santa Teresa de Ávila, com a passagem de uma escrita mística visionária para uma escrita racionalizada, na mesma época da constituição da revolução científica moderna (CERTEAU, 1992).

Apesar das diferenças às vezes radicais entre os debatedores, o tipo de pluralismo acadêmico vigente, mesmo com suas significativas tensões internas, mantém uma unidade argumentativa – em outras palavras, um regime de linguagem - dada por um campo disciplinar eurocêntrico perfeitamente estabelecido e estável, que é o campo da Epistemologia acadêmica, obviamente muito anterior e agora ainda à margem do Encontro de Saberes. Contudo, já contamos com um novo pluralismo epistêmico, em que já surgiram os primeiros diálogos interepistêmicos em algumas disciplinas acadêmicas.

Ainda que não nos seja possível, por agora, divisar os contornos dessa futura Epistemologia Comparada, ela muito provavelmente deverá tomar em conta fortemente a variável do interesse na construção do

conhecimento válido, colocada por Joseph Agassi ao invocar a responsabilidade social (a qual podemos estender aos interesses dos povos tradicionais, das comunidades negras, das mulheres etc.) como um fator a influenciar a noção de racionalidade científica (AGASSI, 1974).

Finalmente, no momento futuro em que chegarmos à situação de equanimidade plena entre os três troncos, todas as relações interepistêmicas geradas na e pela nossa academia serão relações sujeito-sujeito, e não mais relações sujeito-objeto, em que invariavelmente o lugar de sujeito era ocupado pelo grupo branco monoepistêmico eurocêntrico, e o lugar de objeto ocupado apenas pelos indígenas e afro-diaspóricos. Assim, o Epistemômetro recolhe todas as inovações trazidas pelo movimento do Encontro de Saberes para projetar nossos esforços para a co-existência epistêmica equânime no ensino superior e na pesquisa. Ou melhor, o Epistemômetro nos indica o caminho que devemos percorrer para a construção de uma universidade do comunismo epistêmico, em que todos

os saberes públicos de todos estejam disponíveis para todos sob o controle de todos.

Referências

ACOSTA, Alberto. *O Bem Viver*. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante Editora, 2016.

ADEATE, Tosin; SEWCHURRAN, Anusharani. African Epistemologies and the Decolonial Curriculum. *Acta Academica*, v. 55, n. 1, p. 1-19, 2023.

AGASSI, Joseph. Modified Conventionalism is more Comprehensive than Modified Essentialism. In: SCHILP, Paul Arthur (org.). *The Philosophy of Karl Popper*. Vol. II. La Salle, Ill: Open Court, 1974. p. 693-696.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.

AMIR, Samir. *Eurocentrism*. London: Monthly Review Press, 2010.

BOGHOSSIAN, Paul. *Medo do Conhecimento*. Contra o Relativismo e o Construtivismo. São Paulo: Editora Senac, 2012.

CARVALHO, José Jorge de. A Escola de Kyoto, a Filosofia Ocidental e as Artes Indígenas Amazônicas. Triálogo para a Construção de um Encontro de Saberes Filosóficos. In: FLORENTINO NETO, Antonio; GIACOIA JR., Oswaldo (orgs.). *Ciência e Arte na Escola de Kyoto*. Campinas: Editora PHI, 2019b. p. 105-126.

CARVALHO, José Jorge de. A Perspectiva do Axé como Episteme

Afro-Brasileira e como Proposta Civilizatória. *Cadernos de Inclusão*, Brasília, INCT de Inclusão, 2023d.

CARVALHO, José Jorge de. A Proposal to Transform the Curriculum of Universities. Towards a Multilingual, Multicultural, and Pluriepistemic Academic Institution. *Cadernos de Inclusão*, Brasília, INCT de Inclusão, n. 21, 2023a.

CARVALHO, José Jorge de. Autodeclaração Confrontada e Punição de Fraudes. Os Avanços da Igualdade Racial na Era das Cotas. *Revista Ensaios e Pesquisa em Educação e Cultura*, v. 5, n. 9, 2020c.

CARVALHO, José Jorge de. De la Epistemología Occidental a las Epistemologías del Cosmos Vivo. In: TOBAR, Javier (org.). *Virus, revueltas y crisis*. Lecturas de la pandemia COVID-19 desde las epistemologías del cosmos vivo. Buenos Aires: CLACSO ; Popayán: Universidad del Cauca, 2022b. p. 21-77.

CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes e Descolonização: Para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSSFOGUEL, Ramón (orgs.). *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 79-106.

CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes e Filosofia Intercultural. Tradições de Pensamento Ocidentais, Asiáticas e Indígenas em Diálogo. *Modernos & Contemporâneos*, v. 5, n. 3, p. 6-26, jul./dez. 2021.

CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes, Descolonização e Transdisciplinaridade. Três Conferências Introdutórias. In: TUGNY, Rosângela Pereira de; GONÇALVES, Gustavo (orgs.). *Universidade Popular e Encontro de Saberes*. Brasília: INCT de Inclusão ; Salvador: EDUFBA, 2020a. p. 13-56.

CARVALHO, José Jorge de. Notório Saber para os Mestres e Mestras dos Povos e Comunidades Tradicionais. In: RIBEIRO Mônica Medeiros; MENCARELLI, Fernando (orgs.). *Mundos Possíveis*. Culturas em Pensamento. Belo Horizonte: Incipit, 2022a. p. 69-101.

CARVALHO, José Jorge de. O Encontro de Saberes nas Artes e as Epistemologias do Cosmos Vivo. In: TUGNY, Rosângela Pereira de; GONÇALVES, Gustavo (orgs.). *Universidade Popular e Encontro de Saberes*. Brasília: INCT de Inclusão ; Salvador: EDUFBA, 2020b. p. 475-507.

CARVALHO, José Jorge de. The Meeting of Knowledges in the Universities. A movement to decolonise the Eurocentric academic curriculum in Latin America. In: HARRISS, Harriet; SALAMA, Ashraft M.; LARA, Ane Gonzalez (eds.). *Routledge Companion to Architectural Pedagogies of the Global South*. New York: Routledge, 2023b. p. 69-78.

CARVALHO, José Jorge de. Transculturality and the Meeting of Knowledges. In: HEMETEK, Ursula; HINDLER, Daliah; HUBER, Harald; KAUFMANN, Therese; MALMBERG, Isolde; SAGLAM, Hande (orgs.). *Transkulturelle Erkundungen*. Wissenschaftlich-künstlerische

Perspektiven. Viena: BöhlauVerlag, 2019a. p. 79-94.

CARVALHO, José Jorge de. Universidade Aberta para Novos Saberes, Sujeitos e Epistemologias. Um Modelo para a Refundação das Universidades Brasileiras. *Ciência & Cultura*, v. 75, n. 1, p. 01-12, maio 2023c.

CARVALHO, José Jorge de; ÁGUAS, Carla. Encontro de Saberes: Um Desafio Teórico, Político e Epistemológico. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; CUNHA, Teresa (orgs.). *Colóquio Internacional Epistemologias do Sul. V. 1: Democratizar a Democracia*. Coimbra: Universidade Coimbra/Centro de Estudos Sociais, 2015. p. 1017-1027.

CARVALHO, José Jorge de; ALBERNAZ, Pablo. Encontro de Saberes: Por uma Universidade Antirracista e Pluriepistêmica. *Horizontes Antropológicos*, ano 28, n. 63, p. 333-358, maio/ago. 2022.

CARVALHO, José Jorge de; COSTA, Samira Lima da. Processos de transmissão: o ensino universitário e o encontro com mestras e mestres dos saberes tradicionais. In: MONTEIRO, Ana Claudia Lima (org.). *Processos Psicológicos: Perspectivas Situadas*. Niterói: EDUFF, 2020. p. 26-55.

CARVALHO, José Jorge de; FLÓREZ, Juliana. Encuentro de Saberes: Proyecto para decolonizar el conocimiento universitario eurocêntrico. *Nómadas*, Universidad Central, Bogotá, v. 41, p. 131-147, out. 2014b.

CARVALHO, José Jorge de; FLÓREZ, Juliana. The Meeting of Knowledges: A

project for the decolonization of universities in Latin America, *Postcolonial Studies*. Special Issue: Decoloniality, Knowledges and Aesthetics, v. 17, n. 2, p. 122-139, June 2014a.

CARVALHO, José Jorge de; FLÓREZ, Juliana; RAMOS, Máncel. El Encuentro de Saberes: Hacia una Universidad Pluriepistémica. In: CABRA AYALA, Nina Alejandra; ASCHNER RESTREPO, Camila (orgs.). *Saberes Nómadas: Derivas del Pensamiento Próprio*. Bogotá: Ediciones Universidad Central, 2017. p. 183-208.

CARVALHO, José Jorge de; VIANNA, Letícia C. R. Encontro de Saberes: Indicadores 2010-2020. *Cadernos de Inclusão*, Brasília, INCT de Inclusão, n.13, 2020.

CERTEAU, Michel de. *The Mystic Fable*. Volume One. The Sixteenth and Seventeenth Centuries. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

CHASE, Michael; CLARK, Stephen; MCGHEE, Michael (orgs.). *Philosophy as a Way of Life*. Ancients and Moderns. Essays in Honor of Pierre Hadot. Londres: Blackwell, 2013.

CHIMAKONAM, Jonathan Ezumezu. *A System of Logic for African Philosophy and Studies*. Switzerland: Springer, 2019.

CHIMAKONAM, Jonathan O. (org.). *Logic and African Philosophy*. Seminal Essays on African Systems of Thought. Delaware: Vernon Press, 2020.

CHIMAKONAM, Jonathan O.; UCHENA OGBONNAYA, L. *African*

Metaphysics, Epistemology and a New Logic. Switzerland: Springer, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. *Revista Estudos Feministas*, ano 10, v. 1, p. 171-188, 2002.

DUMAS, Alexandra. Encontros e desencontros de saberes: culturas populares+, teatro e universidade. *PragMATIZES – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, Niterói, UFF, ano 13, n. 25, n. 13, set. 2023.

FERREIRA, Rogério. Matemática Interepistêmica para uma Formação Libertadora. In: TUGNY, Rosângela Pereira de; GONÇALVES, Gustavo. (orgs.). *Universidade Popular e Encontro de Saberes*. Brasília: INCT de Inclusão ; Salvador: EDUFBA, 2020. p. 383-409.

FEYERABEND, Paul. *Contra o Método*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FREUDENTHAL, Gideon; GROSSMANN, Henryk (orgs.). *The Social and Economic Roots of the Scientific Revolution*. Heidelberg: Springer, 2009.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Goethe y la Ciencia*. Madri: Siruela, 2002.

HADOT, Pierre. *La Filosofía como Forma de Vida*. Madrid: Alpha Decay, 2009.

HALL, Stuart *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAMPATÉ BÂ, Amadou; A Tradição Viva. In: ZERBO, Joseph-Ki (org.). *História Geral da África*. [Vol. 1]. Brasília: UNESCO, 2010.

HESSSEN, Boris The Social and Economic Roots of Newton's "Principia". In: NEEDHAM, Joseph (org.). *Science at the Crossroads*. Londres: Frank Cass Ltd, 1971. p. 149-229.

HON, Tze-ki. Zhang Zhidong's Proposal for Reform: A New Reading of the Quanxue Pian. In: KARL, Rebecca E.; ZARROW Peter (orgs.). *Rethinking the 1898 Reform*. Political and Cultural Change in Late Qing China. Cambridge: Harvard University Press, 2002. p. 77-98.

JARDIM, Raoni Machado Moraes. *Educação Intercultural e o Projeto Encontro de Saberes: Do Giro Decolonial ao Efetivo Giro Epistêmico*. Tese de Doutorado. Departamento de Estudos Latinoamericanos. Brasília: Universidade Brasília, 2018.

KAPHAGAWANI, Didier N.; MALHERBE, Jeanette G. Epistemology and the Tradition in Africa. In: COETZEE P. H.; ROUX, A. P. J. (orgs.). *The African Philosophy Reader*. Londres: Routledge, 1998. p. 259-319.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A Queda do Céu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAKATOS, Imre. *The Methodology of Scientific Research Programs*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

LI, Zehou. *A New Approach to Kant. A Confucian-Marxist's Viewpoint*. Singapura: Springer, 2018.

LU, Mingjun. *Chinese-Western Comparative Metaphysics and Epistemology*. Lanham: Lexington Books, 2020.

MARX, Karl. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MAYÁ, Maria Muniz Andrade Ribeiro. *A Escola da Reconquista*. Arataca: Teia dos Povos, 2021.

MUGO, Micere Githae. *The Imperative Utu/Ubuntu in Africana Studies*. Canada: Daraja Press, 2021.

NDLOVU-GATSHENI, Sabelo J. *Epistemic Freedom in Africa. Deprovincialization and Decolonization*. Londres: Routledge, 2018.

NGOENHA, Severino. Ubuntu: Novo Modelo de Justiça Global? In: NGOENHA, Severino E.; CASTIANO, José P. *Pensamento Engajado. Ensaios sobre Filosofia Africana, Educação e Filosofia Política*. Maputo: Universidade Pedagógica, 2011. p. 63-74.

POLANYI, Michael. *Personal Knowledge. Towards a Post-Critical Philosophy*. Londres: Routledge, 1958.

POLANYI, Michael. *The Tacit Dimension*. With a new foreword by Amartya Sen. Chicago: The University of Chicago Press, 2009.

POPPER, Karl. *A Lógica da Pesquisa Científica*. São Paulo: Cultrix, 2013.

POPPER, Karl. Epistemologia sem um Sujeito Conhecedor. In: *Conhecimento Objetivo*. Belo Horizonte: Itatiaia ; São Paulo: EDUSP, 1975. p. 108-150.

POPPER, Karl. *Lógica das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

POPPER, Karl. *O Conhecimento e o Problema Corpo-mente*. Lisboa: Edições 70, 1997.

POPPER, Karl. *Three Worlds. The Tanner Lecture on Human Values*. Michigan: The University of Michigan, 1978.

RHEA, Zane Ma. *Wisdom, Knowledge, and the Postcolonial University in Thailand*. New York: Palgrave Macmillan, 2017.

ROSKER, Jana. *Interpreting Chinese Philosophy. A New Methodology*. Londres: Bloomsbury Academic, 2021.

SANTOS, Antonio Bispo. *Colonização, Quilombos. Modos e Significações*. Brasília: INCT de Inclusão ; UnB, 2019.

SHUZO, Kuki. *The Structure of Iki*. Sydney: Power Publications, 1997.

SMITH, Linda Tuhiwai. *Descolonizando Metodologias: Pesquisa e Povos Indígenas*. Curitiba: Editora UFPR, 2019.

TINGYANG, Zhao. *All Under Heaven. The Tianxia System for a Possible World Order*. Oakland: University of California Press, 2016.

TUGNY, Augustin. Descolonizar as Artes na Universidade. In: TUGNY, Rosângela Pereira de; GONÇALVES,

Gustavo (orgs.). *Universidade Popular e Encontro de Saberes*. Brasília: INCT de Inclusão ; Salvador: EDUFBA, 2020. p. 509-529.

TUGNY, Rosângela. Conhecimentos Tradicionais e Território na Formação Universitária. In: TUGNY, Rosângela Pereira de; GONÇALVES, Gustavo (orgs.). *Universidade Popular e Encontro de Saberes*. Brasília: INCT de Inclusão ; Salvador: EDUFBA, 2020. p. 439-461.

TUGNY, Rosângela; GONÇALVES, Gustavo (orgs.). *Universidade Popular e Encontro de Saberes*. Brasília: INCT de Inclusão ; Salvador: EDUFBA, 2020.

TUKANO, Álvaro *O Mundo Tukano Antes dos Brancos*. Brasília: INCT de Inclusão ; UnB, 2015.

TUSKE, Joerge. *Indian Epistemology and Metaphysics*. Londres: Bloomsbury Academic, 2019.

WA THIONG'O, Ngugi. *Decolonising the Mind*. Londres: Heineman, 1986.

WA THIONG'O, Ngugi. On the Abolition of the English Department. In: *Homecoming. Essays on African and Caribbean Literature, Culture and Politics*. Londres: Heineman, 1981. p. 145-150.

WESTON, Timothy. *The Power of Position*. Beijing University, Intellectuals, and Chinese Political Culture, 1898-1929. Berkeley: University of California Press, 2004.

ZEHOU, Li. *A New Approach to Kant*. New York: Springer, 2018.

ZWART, Hub. *Understanding Nature. Case Studies in Comparative Epistemology*. New York: Springer, 2008.